

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES DEFERT, PEARCE E YÁZIGI PARA OS ESTUDOS DO TURISMO: UMA ABORDAGEM ANALÍTICA

Jennifer Ribeiro da Silva¹

Luciléia Lima de Morais²

Kerlei Eniele Sonaglio³

Resumo: O turismo apresenta como uma de suas principais características a interdisciplinaridade, utilizando-se das bases teóricas de outras áreas para uma melhor compreensão da sua dinâmica. Dessa forma, muitos pesquisadores tem estudado o turismo em seu enfoque geográfico e contribuído significativamente para o planejamento da atividade turística. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa com o principal objetivo de analisar as contribuições dos pesquisadores Pierre Defert, Douglas G. Pearce e Eduardo Abdo Yázigi nos estudos e produções bibliográficas do Turismo, especificamente nas abordagens geográficas e de planejamento turístico, a partir da década de 1950. Trata-se de um estudo exploratório, realizado por meio de pesquisa analítica, bibliográfica e eletrônica, que auxiliaram na identificação da formação acadêmica, linhas de pesquisa e principais estudos dos autores, onde se destacam a criação do Índice de Função Turística, por Pierre Defert, do Índice de Viagens, elaborado por Douglas G. Pearce e da interpretação de Eduardo Abdo Yázigi sobre o lugar, a partir dos aspectos subjetivos que o mesmo envolve, conforme apresentado em quadro elaborado a partir destas informações.

Palavras-Chave: Douglas Pearce. Eduardo Yázigi. Pierre Defert. Turismo. Geografia do Turismo.

1 INTRODUÇÃO

O Turismo é uma atividade reconhecida pelo seu potencial econômico e também pela funcionalidade de seus recursos. Como produtor, consumidor e organizador do espaço, tanto de forma espontânea como de forma planejada, expande-se de forma intensa. Nesse contexto, os estudos da Geografia do Turismo apresentam relevância para a compreensão da atividade, que tem como principal produto o espaço. Para Cruz (2007), o Brasil tem sido um grande produtor de espaços para o Turismo, uma vez que o governo, além do seu papel normatizador do fenômeno, ainda implementa a infraestrutura nas localidades. A autora apresenta este, como algo complexo onde o turista também é considerado importante na produção do espaço, uma vez que não há turismo sem turista e, que o mesmo inventa novos destinos e cria novas formas de se relacionar com as áreas receptoras.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFRN. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas – FAPEAM. E-mail: jennisilva@ig.com.br

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFRN. E-mail: leialima20@hotmail.com

³ Doutora em Engenharia Ambiental (PPGEA/UFSC). Professora Adjunto I da UFRN. E-mail: kerlei@ufrnet.br

Para auxiliar na compreensão da temática do Turismo, estudos emergem como forma de contribuir para o entendimento deste, que está inserido em sua concepção em um paradigma sistêmico. Para Kuhn (2007), os paradigmas persistem até que outro surja para atender as lacunas que o anterior não pôde suprir. Dessa forma, podemos considerar como paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que durante algum tempo fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

Dentre as disciplinas que tem auxiliado na compreensão da dinâmica turística encontra-se a Geografia, uma vez que a atividade envolve uma série de atores e setores da sociedade, interferindo direta e indiretamente no espaço geográfico. Nesse contexto, muitos pesquisadores tem analisado o turismo sob a óptica geográfica, investigando os impactos da atividade e os deslocamentos humanos. Esta análise dedica-se a conhecer as principais contribuições dos geógrafos Pierre Defert, que na década de 1950 apresentou um dos primeiros estudos sobre a geografia do turismo, Douglas G. Pearce considerado um dos pesquisadores mais dinâmicos que além de seus estudos sobre os fluxos turísticos, tem realizado uma apreciação crítica das pesquisas em turismo a partir da análise dos métodos e dos principais canais de divulgação dos trabalhos científicos e Eduardo Abdo Yázigí, um historiador que trouxe contribuições pertinentes ao estudo da prática da atividade turística a partir da compreensão do lugar e dos elementos subjetivos que o constituem.

Assim, o objetivo principal do estudo é o de analisar as contribuições dos pesquisadores Pierre Defert, Douglas G. Pearce e Eduardo Abdo Yázigí nos estudos e produções bibliográficas do Turismo, a partir do levantamento das principais obras e artigos científicos, pesquisa eletrônica realizada nos sites das universidades que os mesmo atuam ou atuaram, análise de currículo e seleção dos principais trabalhos científicos, com o intuito de estabelecer uma linha de entendimento entre as principais obras dos autores e pesquisadores influenciados por seus estudos. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um pesquisa de caráter exploratório, proporcionando maiores informações sobre o tema a partir da análise de documentos, bibliografia e web sites, auxiliando na delimitação, identificação e esclarecimentos dos problemas e hipóteses pertinentes a pesquisa (Dencker, 1998), (Ciribelli, 2003).

Com este trabalho, espera-se contribuir para pesquisas posteriores, principalmente para estudiosos que investigam o turismo a partir dos seus aspectos geográficos, considerando as ciências geográficas uma das disciplinas que mais contribuíram para o desenvolvimento e planejamento da atividade. Para isso foi realizada a caracterização dos autores (vida e obra), levantamento das principais obras produzidas pelos estudiosos do tema, de forma a compreender as contribuições destes para a teorização do Turismo.

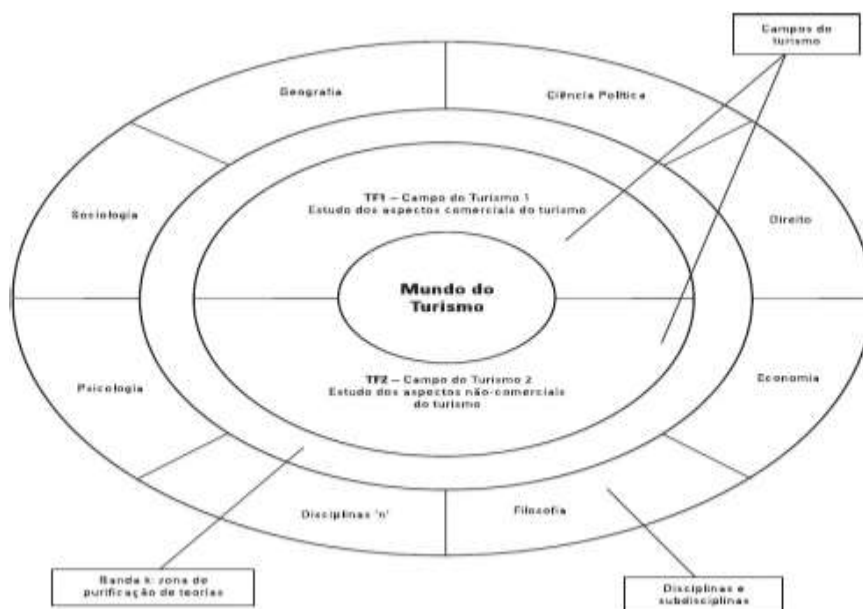
2 O TURISMO E A EVOLUÇÃO DE SEUS ESTUDOS CIENTÍFICOS

O Turismo teve sua expansão, influenciada por fatos históricos como as revoluções industrial e tecnológica, que possibilitou o deslocamento do homem pelo mundo, através de meios de transportes como os navios, as locomotivas e os trens. O mundo tornou-se mais conhecido e, o Turismo passou a ser tratado como atividade econômica, com distribuição de renda, geração de emprego, divisas e melhoria social (Figueiredo, 2008). O fenômeno turístico é responsável pelo grande número de deslocamento de pessoas pelo mundo e, reconhecido pela importância econômica que promove. É necessário ressaltar que além do deslocamento de pessoas e de seu reconhecido poder na economia, o Turismo possui outras características, entre as quais, a refuncionalização de um espaço. Para Santos (1998, p. 5):

[...] as relações do Homem com a Natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados à disposição do primeiro. Houve mudanças qualitativas surpreendentes, a mais notável das quais foi a possibilidade de tudo conhecer e tudo utilizar em escala planetária, desde então convertida no quadro das relações sociais.

Em seu livro “Filosofia do Turismo”, Panosso Netto (2005) apresenta uma discussão acerca da construção de uma epistemologia do Turismo e cita que a diversidade de elementos que envolvem o fenômeno turístico fez com que estudiosos produzissem pesquisas sobre sua complexidade.

Figura 01. Criação do conhecimento em turismo na visão de John Tribe.



Fonte: Panosso Netto (2005).

Conforme podemos observar nos estudos de Tribe (Panosso Netto, 2005), tanto as universidades quanto o próprio mercado turístico produzem conhecimento sobre Turismo uma vez que, em relação aos aspectos não comerciais, existe segundo o autor a necessidade de utilização de disciplinas que favoreçam a construção de uma base conceitual e que contribua na produção do conhecimento em Turismo. Dessa forma, Tribe analisa o Turismo enquanto uma especialidade, que pode ser estudada dentro de outras disciplinas como a Geografia, Sociologia, Direito, entre outras.

Moesch (2002, p.27) faz uma crítica ao afirmar que a interdisciplinaridade de forma generalizada, “[...] não leva a uma compreensão que vá além de um rol de informações isoladas, formatadas nas diferentes disciplinas, e que permita intervir num fenômeno que capitaliza insumos da natureza, da cultura urbana e rural, transformando-os em bens sociais”. Nesse sentido, a autora chama atenção para o excesso de fragmentação dos estudos em turismo, que proporcionam infinitas interpretações fazendo com que o turismo ainda não possua um corpo teórico consolidado.

Para Rodrigues (1999), “caminha-se para uma postura transdisciplinar, uma vez que o conhecimento é total”. De acordo com a autora os limites rigorosos da disciplinização do setor empobrecem a apreensão da totalidade do mesmo. Ela complementa, questionando se haveria uma disciplina que assumisse o papel de integração e síntese do fenômeno. De acordo com Nechar (2011), o paradigma do conhecimento em Turismo tem apresentado abordagens limitadas, baseadas em conceitos e teorias gerais, levando muitos pesquisadores a descreditarem neste enquanto disciplina autônoma. O Turismo é um fenômeno dinâmico, que sofre influências internas e externas que modificam principalmente a forma como ele é praticado.

Como consequência, as pesquisas e os estudos sobre o tema se modificam e influenciam a construção do conhecimento sobre Turismo, que é produto das relações humanas e da forma como este interage com os produtos e serviços disponibilizados nos destinos. Segundo Panosso Netto (2005), surge a necessidade de novas pesquisas na área, visto que é notório [...] o aumento da importância do “fazer turismo” em todo o mundo, em virtude de fatores ligados ao estresse diário, problemas familiares, globalização, competitividade acirrada em todos os campos de atuação profissional.

Dessa forma, entende-se que, ainda existem desafios em torno da construção teórica do Turismo, visto que em vários estudos o mesmo aparece descrito com suas principais características. Assim, ainda não conseguimos responder o que é Turismo, mas sabemos caracterizá-lo. No entanto, estudos que descrevam o Turismo a partir da experiência do

visitante nas localidades turísticas poderão auxiliar na compreensão do fenômeno em sua totalidade.

3 A GEOGRAFIA E O TURISMO

O uso dos lugares pelo Turismo é uma constante, visto que a atividade se apropria do espaço, causando transformações que podem ser benéficas ou não às localidades que almejam implementá-lo enquanto atividade econômica. Para Rodrigues (1999, p.29), sob a ótica geográfica, o turismo apresenta-se dinâmico e caracteriza-se por “estagnação de certos espaços turísticos; [...] deterioração e transformações de tradicionais espaços turísticos; produção de espaços totalmente artificiais; [...] e a produção de novos espaços-expressão da globalização”.

Como podemos observar a relação entre Turismo e o espaço é intrínseca e, em muitos casos vista de forma negativa, uma vez que ele tem no consumo do espaço umas das suas principais características. Essa fronteira tênue entre o fenômeno e o objeto de estudo de uma das principais áreas das ciências humanas e sociais, a Geografia, fez com que o Turismo e os resultados de sua interferência direta e/ou indireta no território, transformassem este em uma especialidade a ser analisada pela Ciência Geográfica. Santos (1998, p. 10) afirma que:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois têm um papel na realização social.

Para Fratucci (2000), o Turismo é manifestado através de diferentes formas, modalidades e escalas dentro de um mesmo território e, a velocidade com que vem se expandindo, destaca-se de outras atividades humanas, não se limitando apenas a uma fronteira ou território, mas, de diversos setores do conhecimento, dentre os quais os tecnológicos e informacionais. Corroborando com o autor, Santos (1998) discorre que “quando todos os lugares forem atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes”.

Os primeiros estudos do Turismo em seu enfoque geográfico ocorreram no século XIX, com geógrafos que, cada vez mais demonstraram interesse em investigar o fenômeno, a partir das relações do mesmo com o espaço e o homem, fomentado principalmente pela criação de territórios e lugares turísticos.

É no *lugar turístico* que o fenômeno se materializa e sobrepõe suas formas fixas: atrativos turísticos, equipamentos e serviços turísticos (meios de hospedagem, serviços de alimentação, agentes receptivos, guias de turismo, locais e instalações para entretenimentos, etc.) e infraestrutura de apoio (serviços de comunicações, transportes, segurança, etc.)(Fratucci 2000, p. 122).

A partir da década de 1950, são desenhadas as primeiras teorias dos espaços turísticos, sendo a década de 1970, uma das mais notáveis, com a criação grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação - União Geográfica Internacional e, da apresentação do primeiro trabalho acadêmico sobre o Turismo no Brasil, com enfoque geográfico realizado por Kleber M. B. Assis. A tese intitulada “O Turismo Interno no Brasil”, foi apresentada para obtenção de título acadêmico no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tratava o tema ainda de forma geral, sem aprofundamentos teóricos (Albach & Gândara, 2011), (Rodrigues, 1999).

Rodrigues (1999) destaca também a importância do evento internacional “Sol e Território”, realizado em 1995 pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, que tratou de forma específica sobre a temática da Geografia do Turismo e de Planejamento. Além de um número expressivo de geógrafos brasileiros, o evento contou com a participação de geógrafos de diversos países, que discutiram e refletiram sobre as formas em que o Turismo produz, consome e organiza os espaços em que se instala.

Sobre a gênese dos estudos do Turismo pela ciência geográfica, destaca-se a contribuição de autores como Pierre Defert e Charles Reau, que entre 1950 e 1960 discutiram em seus estudos a organização do espaço, abordando a ótica dos impactos do Turismo sobre o meio natural, social, econômico e cultural e de Teoria do Turismo – Intermediação, Distribuição e Viagem. Defert foi um dos primeiros geógrafos franceses a contribuir com a Geografia do Turismo, ao escrever sobre um espaço distante que separa a residência permanente da residência sazonal e, sobre um espaço meio, onde os turistas passam suas férias. Assim, surgem os primeiros ensaios sobre a temática das segundas residências. Para Castriogiovanni (in Gastal, 2000) a Geografia é fundamental para os estudos do Turismo, pois oferece o “tecido espacial”, ou seja, um conjunto de elementos que fornece sustentação à prática da atividade, base para distribuição da oferta turística.

Ainda segundo o autor os bens que compõem a oferta turística estão inseridos na paisagem, entendida como “[...] um conceito que traduz o aspecto global - o visível e o invisível/sentido, mas, não visto-de uma área” (Castriogiovanni: in Gastal, 2000, p.132).

A contribuição dos estudos geográficos para o Turismo é notável, uma vez que o fenômeno ainda não possui um objeto de estudo consolidado, utilizando-se dos conceitos, teorias e modelos geográficos para analisar a dinâmica do setor a partir dos deslocamentos humanos e sua interferência no meio, seus impactos naturais, culturais, políticos e econômicos, relevantes para o planejamento a atividade.

Rodrigues (1999) afirma que o planejamento do Turismo em princípio é complicado, por questões de diversos interesses, tanto da população local, quanto daquela população que busca o lazer. Corroborando com o autor, Fonseca (2005) discorre que ao poder público cabem funções importantes no planejamento do Turismo: a de gerir o território onde ocorre a atividade, definir instrumentos que autorizem o uso e ocupação do solo, autorizar a instalação de atividades, dotar as localidades de infraestrutura básica e, o incentivo de suas manifestações culturais.

4 CARACTERIZAÇÃO DOS AUTORES DEFERT, PEARCE E YÁZIGI

4.1 Pierre Defert

Pierre Defert, geógrafo francês com Pós-Graduação em Geografia, desenvolveu seus estudos antes da emergência da visão do Turismo como sistema, ou seja, na Fase Pré-Paradigmática. Segundo Nechar (2010), o autor inicia uma discussão sobre o turismo como ciência por volta de 1966, foi o criador do termo turismologia e escreveu em parceria com autor francês com René Barejte, também estudioso francês, com abordagem sistêmica, voltada ao enfoque econômico, um de seus principais livros “Aspectos Econômicos do Turismo” (1971), que aborda questões geográficas e econômicas do fenômeno. Vale ressaltar que Barejte foi o fundador do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos em Turismo – CIRET na França.

Entre as décadas de 1950 e 1980, observamos uma grande produção do autor, com livros e artigos científicos. Entre suas principais obras estão: Estrutura econômica e a localização das regiões turísticas (1955); Boas festas no exterior (1959) em parceria com Denise Harari; O desenvolvimento do turismo no departamento de Orne. A análise regional e plano de expansão (1959); Introdução a uma geografia turística da Europa (1960); Por uma política do Turismo na França (1960); Os lagos e o Turismo (1962); Vosges: 1000 empregos por meio do turismo (1965); O Turismo: fator de valorização regional (1966); A localização turística, problemas teóricos e práticos (1966); A taxa da função turística: desenvolvimento e crítica (1967); Avaliação econômica do turismo no Território de Belfort (1968); Elementos gerais da localização turística (1969); Aspectos econômicos do Turismo (1971); Os recursos da atividade turística: teste de integração (1972); Turismo: reflexões e implementação (1973); Turismo e resíduos (1974); Memórias de um viajante: viver de forma diferente (1981) e A problemática do Turismo insular (1988). Além de livros, o autor tem publicado artigos referentes a temática do Turismo, a partir de 1952 (World Cat, 2014).

Em 1966 Defert propõe uma engenhosa relação e classificação/tipologia dos recursos turísticos que se distinguem em quatro conforme apresentados no quadro abaixo:

Quadro 01. Tipologia dos Recursos Turísticos (Defert, 1966).

HIDROMO	Todo o elemento de atração relacionado com a água
PHITOMO	Elemento terrestre e inclui todo o elemento natural, modificado ou não, que tem algum atrativo

LITOMO Define-se como todo o elemento construído pelo Homem que tenha interesse pela sua natureza ou pelos usos a que se destina

ANTROPOMO O seu elemento fundamental é o Homem.

Fonte: Elaboração das autoras, a partir do estudo de Becerra (2003).

Os recursos apresentados podem ser considerados a base para o processo de segmentação da atividade turística. Dez anos mais tarde, em 1976, Defert completou a sua tipologia com um novo recurso, a “mnémome”, ou seja, a memória. Esta nova classe de recursos faz referência a fatos intangíveis que podem motivar deslocamentos turísticos. Em seu estudo sobre o Índice de Função Turística (IFT), o autor objetivou mensurar a atividade ou intensidade turística por meio da comparação entre a população (P) de um destino e o número de turistas (N). Em virtude da dificuldade de se obterem dados estatísticos sobre o número de turistas, o autor substituiu o número de turistas pelo número total de leitos existentes no destino.

$$\frac{FT = N \times 100}{P}$$

Fórmula 01. Índice de Função Turística. Fonte: (Panosso Netto, 2005).

Beni (1998) faz uma crítica quanto ao fato de Defert não incluir em seu estudo, o fluxo itinerante, ou seja, aqueles turistas que não pernoitam na área receptora, indicando assim, que essa metodologia não deva ser utilizada pelos núcleos receptores que apresentem uma significativa participação dessa classe de fluxo. O autor ainda complementa que, o índice tem sido utilizado de maneira reduzida em vários trabalhos. Em alguns estudos, usa-se apenas uma modalidade, em outros, usa-se outra modalidade de alojamento.

Apesar da observação, Beni (1998) considera que a avaliação global da função turística é mais interessante se for aplicada considerando o conjunto dos equipamentos de alojamentos e instalações turístico-recreativos, ao invés de modalidades de alojamentos. Nessa perspectiva, Lohmann & Panosso Neto (2008) afirmam que o índice de Defert pode sofrer influências, na medida em que o turista não se restringe apenas na utilização de equipamentos turísticos como hotéis e pousadas, podendo pernoitar em residências secundárias ou em casas de amigos e parentes.

No Brasil, destacamos o estudo de Juergen Langenbuch, que em 1977, estabeleceu uma classificação nos municípios turísticos de São Paulo, utilizando a Taxa de Função Turística de Defert.

4.2 Douglas Pearce

Douglas G. Pearce é geógrafo de nacionalidade neozelandesa e um dos pesquisadores que mais contribuíram para o estudo do turismo em seu enfoque geográfico. Graduou-se na University of Canterbury, Christchurch, Nova Zelândia, onde se tornou Mestre

em Artes em 1972. Realizou doutorado na Université d'Aix Marseille, França, em 1975, retornando à Universidade de Canterbury onde lecionou por 25 anos. Também foi professor visitante das universidades de Sorbone e do Havaí e desde o ano 2000 assume a cátedra da Victoria University of Wellington, atuando na Escola de Gestão, ministrando cursos sobre os avanços da pesquisa em Turismo e os métodos de pesquisa aplicados ao campo de estudo fazendo uma apreciação crítica sobre o tema. (Victoria University of Wellington, 2014).

O autor examina o turismo na geografia por uma perspectiva sistêmica, onde suas principais áreas de interesse são o gerenciamento dos destinos turísticos, desenvolvimento e impacto do turismo, canais de distribuição (analisando a evolução dos padrões de fluxos e a distribuição dos turistas e equipamentos turísticos), turismo urbano, organizações turísticas, planejamento do turismo e elaboração de políticas, bem como a estrutura espacial da atividade. O pesquisador também prestou consultoria em organizações internacionais renomadas como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas - ONU e, também a países como Malásia e Samoa.

Influenciado pelos estudos de autores como Pierre Defert e Roy I. Wolfe, que em 1951 apresentou importantes estudos sobre segunda residência, mais especificamente casas de veraneio no Canadá, Pearce organizou e publicou mais de 60 artigos em revistas indexadas, sendo figura marcante nos principais eventos internacionais do setor. Também publicou cerca de 20 capítulos em livros entre eles, "Progress in Tourism and Entrepreneurship", publicado em 2009, por Jovo Ateljevic e "Investigación y estrategias Turísticas" (2003), organizado por Enrique Ortega Martínéz. Entre as principais obras do autor podemos citar: "Framework for Tourism Research" (2012); "Quadros para investigações em Turismo" (2012); "Geografia do Turismo: Fluxos e regiões no mercado de viagens" (2003); "Questões Contemporâneas em Desenvolvimento do Turismo" (1999); "Turismo hoje: uma análise geográfica" (1995); "Investigação em Turismo: Críticas e Desafios" (1993); "Turismo e Desenvolvimento" (1989).

Dentre suas principais produções podemos citar o livro "Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens", considerada umas das principais obras do autor que tem como principal objetivo analisar, de modo sistemático e abrangente, as dimensões geográficas do turismo a partir da análise dos fluxos turísticos e de uma apreciação crítica sobre os modelos que buscam explicar a dinâmica e influência desses nas localidades.

O livro está organizado em dez capítulos onde o autor traz uma reflexão a cerca dos conceitos e modelos que abordam diferentes aspectos do sistema origem-ligação-destino, sobre o desejo das pessoas de deixar áreas que residem para visitar outros lugares, a partir da análise das escalas nacionais, intranacionais e domésticas. Em seu livro, Pearce realiza também uma análise dos modos de mensuração de variações espaciais em turismo, mostrando estudos sobre a estrutura espacial do turismo em seus níveis nacional e regional, e aspectos como concentração, interação espacial e escala. Uma importante contribuição do autor para o turismo foi a criação do "Índice de Viagem", uma fórmula que busca identificar a importância de um determinado destino turístico durante uma viagem. A

fórmula propõe relacionar o número de noites passadas em um destino (D_n) com o número total de noites da viagem (T_n), conforme apresentados a seguir.

$$Ti = \frac{Dn}{Tn} \times 100$$

Fórmula 02. Índice de Viagem. Fonte: (Pearce, 2003)

A fórmula foi elaborada em parceria com J. M. C. Elliot, em 1983, pesquisador da Universidade de Canterbury e, segundo os seus criadores, quando o índice de viagem resultasse em 100%, significaria que toda a viagem havia ocorrido em um único destino. Caso o resultado alcançasse os 10%, o destino seria visto como um local de parada entre os demais destinos visitados. O autor faz uma observação, ressaltando que se o resultado do índice for zero, indica que o local foi visitado apenas em trânsito e que não houve nenhum pernoite. A viagem pode ser caracterizada também como de um dia (Pearce, 2003). O índice de viagem foi aplicado em mais de 30 destinos, em localidades turísticas da Nova Zelândia e da Malásia por Martin Opperman, em estudos realizados na década de 1990, e incorporou variações sazonais em sua aplicação com Peter E. Murphy. Este último conseguiu, a partir do índice, desenvolver uma aplicação funcional por áreas e padrões de hierarquia espaciais influenciados pelos principais acessos à Ilha de Vancouver, situada na Columbia Britânica.

Para Pearce, o Turismo é uma extremidade de um amplo aspecto do lazer e acredita que a pesquisa geográfica pode trazer contribuições significativas para o planejamento, desenvolvimento e gerenciamento do turismo nas localidades, considerando o deslocamento das demandas turísticas um ponto relevante para o estudo do fenômeno (Pearce, 2003). Em parceria com Richard W. Butler, também geógrafo e Phd pela Glasgow University, em 1973, Reino Unido, publicou livros e artigos. Assim como Pearce, o pesquisador tem contribuído para o estudo do desenvolvimento do turismo a partir da elaboração de modelos teóricos que auxiliam na compreensão das áreas turísticas e seu ciclo de evolução.

Considerando os principais trabalhos que surgiram desta parceria, daremos destaque ao livro “Desenvolvimento em Turismo”, em que os autores embasados em estudos de caso internacionais buscaram compreender as causas do crescimento do Turismo e por quê o desenvolvimento da atividade tem sido estimulada em diversas localidades e, o livro “Tourism Research: critiques and challenges”, que apresenta uma coletânea de estudos apresentados no II Encontro da Academia Internacional para Estudos do Turismo (AIEST), realizado em Calgary, Canadá, no ano de 1991. Neste livro, Pearce mostra que até a década de 1960 poucos estudos sobre turismo foram realizados, mas, que a relevância da atividade para o desenvolvimento das localidades tem feito com que novos estudiosos se interessem pelo tema. Segundo ele, “é sintomática, nessa tendência, proliferação de jornais novos e cada vez mais especializados em turismo”. (Pearce, 2013).

Nesse estudo, o autor realiza uma crítica ao afirmar que o crescimento do número de estudos sobre turismo não implicou em pesquisas de qualidade. No ano de 2013, Pearce realizou dois trabalhos sobre pesquisa em turismo, apresentando uma análise de 210 artigos publicados na *Journal of Travel Research*, onde concluiu que a maioria dos estudos empíricos aborda um único país, sendo os Estados Unidos o país mais citado, correspondendo a 92% das publicações. Segundo ele, países como o Brasil e demais países da América do Sul não possuem representatividade nas estatísticas apresentadas neste estudo. O mesmo foi realizado com artigos da revista “*Estudios y Perspectivas em Turismo*”, da Argentina, em que o autor analisa 304 artigos mostrando o Brasil em posição de destaque, correspondendo a 54% dos trabalhos.

Para o autor, a internacionalização dos estudos em turismo é favorecida pela própria dinâmica evolutiva dos sistemas educacionais que, cada vez mais tem buscado padrões internacionais. Além disso, o autor mostra que fatores como as dimensões territoriais dos países e a dinâmica interna do turismo e das instituições acadêmicas influenciam a internacionalização dos estudos, mostrando que o idioma ainda se configura em uma das principais barreiras. Ele sugere que um caminho para mudar esse contexto das pesquisas em turismo, seria a utilização de marcos teóricos integrados que pudessem sintetizar, em uma literatura idiomática particular, neste caso o espanhol e o português, trabalhos sobre o mesmo tema e não uma revisão sobre um país em particular (Pearce, 2013).

Douglas G. Pearce continua a contribuir ativamente com pesquisas sobre turismo, atuando em áreas que se complementam, assim como apresentado anteriormente, e utilizando a ciência geográfica e seu corpo teórico como norteadores na análise do fenômeno.

4.3 Eduardo Abdo Yázigi

O desenvolvimento de estudos sobre o turismo e sua relação com o espaço e a paisagem também possui influência de autores brasileiros. Entre os estudiosos mais reconhecidos encontra-se Eduardo Abdo Yázigi, brasileiro e referência para os estudos em Turismo. O autor possui Graduação em História pela Universidade de São Paulo onde também se especializou em Estudos Políticos e Sociais; e Cinema e Técnicas Audiovisuais. Realizou o seu Mestrado em Planejamento Urbano na Universidade de Paris e, doutorou-se na mesma instituição com enfoque na área de Planejamento Urbano e Regional. Sua mais recente qualificação foi a realização do Pós Doutorado no Institut d'Aménagement de l'Ile de France e Cingapura - Governo de Cingapura (Currículo Lattes, 2014). Em 2011, recebeu o Troféu de Autor de maior destaque no Turismo pela Associação Nacional de Pós Graduação em Turismo (ANPTUR).

Desde 2007, colabora com doutorados na Europa - Univerdad de Las Palmas de Gran Canária (Espanha), Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Aveiro (Portugal) em Conselhos Científicos dessas universidades. Atuou ainda como professor convidado na Pós-

Graduação de Arquitetura da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Também é Professor visitante na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e colabora no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Entre suas produções científicas são contabilizados 20 artigos completos publicados em periódicos, 21 livros publicados/organizados ou edições, 23 capítulos de livros publicados, 16 textos em jornais notícias/revistas, 02 trabalhos completos publicados em anais de congressos, 07 resumos publicados em anais de congresso, 99 apresentações de trabalho, 02 produções artísticas/culturais e 22 outras produções bibliográficas. Sua linha de pesquisa versa sobre as Teorizações do Planejamento Urbano e Regional, Território, Turismo e Identidade e, recentemente tem direcionado suas pesquisas sobre o reencantamento do território. Ao mesmo tempo já iniciou uma outra frente: a do turismo esotérico. Em entrevista para o Instituto Virtual do Turismo (IVT), quando questionado sobre a produção brasileira na área de turismo, estar ou não adequada à realidade brasileira, o autor afirmou que:

[...] o grosso da produção girava em torno dos business, que não condeno, porque as pessoas precisam viver de alguma coisa. Resultado: uma exacerbação de publicações sobre hotelaria, eventos, publicidade, animação e até especializações tipo baby sitting para hotéis. Tivemos, e verdade, estudos críticos de alto valor em geografia, sociologia e psicologia ambiental, isto é, SOBRE O QUE EXISTE OU ESTÁ EM CURSO. “Como escolas de turismo fecharam de montão, a maioria dos editores também fechou as portas para esse gênero de publicações, numa incrível falta de lucidez”. (Instituto Virtual do Turismo, 2009).

Ainda na mesma entrevista, ao ser indagado sobre quais as diferenças básicas entre o estudo do turismo nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, o autor discorreu que:

[...] como planejador vejo o futuro com esperança de ser mais bem trabalhado. Entenda-se de uma vez por todas: o planejamento é um ramo da política e não a visão obtusa de uma prancheta! Perplexamente vejo penças de estudiosos a satanizar o turismo, tido como "coisa de rico", porque é mais uma exploração do capital, porque corrompe os costumes. Foi minha preocupação descobrir a justa medida disso tudo. Sim, o turismo é mais uma frente do capital, mas não a única. [...] dependendo de como for conduzida, ela poderá ser uma ocasião privilegiada de reorganização do espaço, na medida em que o planejamento do turismo é inseparável do cotidiano dos cidadãos, senão estaremos aumentando ainda mais a dualidade que também é espacial”. (Instituto Virtual do Turismo, 2009).

Sobre a afirmação do autor, Hall (2002) discorre que as exigências de elaboração do planejamento e da presença do governo no processo de desenvolvimento, são decisões a serem tomadas em virtude dos efeitos indesejados do setor, especificamente no âmbito local. Deve ser um elemento crítico, que garanta o desenvolvimento sustentável de longo prazo nas localidades turísticas.

Dentre as principais obras do autor destacam-se o livro Turismo: uma esperança condicional (1999); O mundo das calçadas (2000); A pequena hotelaria e o entorno municipal (2000); A alma do lugar (2001); Civilização urbana (2003); Esse estranho amor dos paulistanos (2007); Saudades do futuro - por uma teoria do planejamento territorial do Turismo; Reencantamento da Cidade – miudezas geográficas e devaneios (2013). Analisa-se nas obras que o foco principal das abordagens do autor estão relacionados ao planejamento urbano, turístico e territorial, as transformações urbanas inevitáveis, o papel do poder público na tomada de decisões, o envolvimento da comunidade e a preocupação com o entorno. No livro A Alma do lugar, o autor luta para que as pessoas se apercebam da alma que existe em cada lugar, definindo paisagem, identidade, região, praia, montanha, alma, personalidade, lugar, relevo.

O Turismo na visão de Yázigi deve ser estudado de forma interdisciplinar, apoiado em conhecimentos cientificamente abordados por disciplinas auxiliares como a geografia, ecologia, infraestrutura, arquitetura, urbanismo, semiótica, ética, sociologia, estatística, economia, psicologia, etc. O fenômeno para o autor possui assuntos demais para caberem sob o simplismo do rótulo “Turismologia”. Em entrevista para o jornal Folha de São Paulo em 2001, o autor afirma que “[...] o Turismo, só pode fazer sentido como encontro das diferenças: Se vou a Paris, é porque é diferente de São Paulo”. (Jornal Folha de São Paulo, 2001).

Corroborando com o autor, Cruz (2007) afirma que o Turismo tem a capacidade de (re) ordenar territórios mediante seus interesses, onde os objetos, dependendo do grau de interesse que se tem sobre aquele território específico, pode ganhar ou perder valor. Para a autora, o que é turístico hoje, pode não ser amanhã, assim como determinados espaços são valorizados com a prática, outros perdem seu valor no decorrer do tempo. Ainda na mesma entrevista, o autor discorre sobre as contradições no Turismo, afirmando que:

Turismo é incompatível com miséria. Não adianta você ter um hotel cinco estrelas e o turista sair à rua e ser assaltado, assassinado ou dar de cara com uma favela, que, no caso de Campos, já está virando as montanhas. Quando você sai do bairro de Abernécia em direção ao Palácio do Governo, vê um mar de favelas (Instituto Virtual de Turismo, 2009).

No Brasil, há exemplos de construções hoteleiras que foram erguidas com interesses diferentes da localidade em que se instalaram. Podemos citar como exemplos o complexo Costa do Sauípe/BA, os resorts na Via Costeira/RN, que apesar da apropriação dos espaços, contrasta com suas áreas próximas e seus problemas sociais. Nesses exemplos, afirma-se

que a atividade turística age de forma dominadora em relação a população excluída que se encontram em seus entornos.

Analisando os estudos de Yázigi (1998), o autor trata do confinamento territorial do Turismo no Brasil, uma realidade comum em muitos destinos turísticos do país. Ele identifica sete tipos de confinamento, onde cinco ocorrem em decorrência de questões socioeconômicas (confinamento em hotéis, em complexos turísticos, por segregação social, em zonas turísticas e decorrentes da violência), o confinamento decorrente dos acidentes geográficos e aqueles decorrentes das feiuras das localidades. Para Cruz (1999), as políticas nacionais de turismo, de certo modo contribuíram para a existência dessas formas de confinamento, por contemplarem a hotelaria ao invés de outros equipamentos de infraestrutura turísticos.

5 O REFLEXO DOS ESTUDOS DOS AUTORES NO BRASIL

Os autores analisados neste trabalho têm influenciado pesquisadores no Brasil, norteando ações de organização, planejamento e gestão da atividade turística. Dentre os autores que iniciaram os estudos do turismo no Brasil, influenciados por Defert, destacamos Olga Tulik. Suas obras serviram de base para a pesquisa em Turismo, principalmente, na temática sobre Residências Secundárias, considerada uma modalidade de hospedagem antiga e universal. As primeiras abordagens sobre o tema no Brasil surgiram em 1970, através de análises entre os domicílios fechados. A autora tornou-se uma das mais renomadas estudiosas do Turismo no Brasil nessa abordagem e, para ela, residência secundária ou segunda residência, são nomenclaturas utilizadas para denominar as propriedades particulares que são usadas esporadicamente, uma vez que seus moradores possuem suas residências permanentes em outro local (Tulik, 2001).

Pierre Defert também contribui para os estudos de Douglas G. Pearce, que o considera um dos primeiros geógrafos a colaborar aos estudos do turismo, onde ele destaca as pesquisas sobre a distância (*espace distance*) percorrida pelos turistas, necessário para compreender a organização do fenômeno turístico (Pearce, 2003).

A maioria dos autores que fazem referência aos estudos de Pearce são internacionais, como Michael Hall, John Urry, Peter Murphy, entre outros. Segundo Hall (2001), Pearce reconhece o turismo como uma indústria, sendo a divulgação do destino turístico benéfica para todos os setores. Rita Ariza Cruz, autora de diversos livros na temática geografia e turismo também utiliza Pearce em seus trabalhos. Entretanto, deve-se destaque em seus estudos a Eduardo Abdo Yázigi, na abordagem da análise do espaço, paisagem e cultura. O quadro abaixo apresenta um resumo dos autores e suas contribuições.

Quadro 02. Contribuições dos estudos de Defert, Pearce e Yázigi nos estudos em Turismo.

Fonte: Elaboração das autoras (2014).

AUTORES	FORMAÇÃO	LINHAS DE PESQUISA	CONTRIBUIÇÕES
PIERRE DEFERT	Geógrafo Pós-Graduação em Geografia	Geografia do Turismo; Organização do espaço (abordando a ótica dos impactos do turismo sobre o meio natural, social, econômico e cultural).	Criação do Índice de Função Turística: $FT = \frac{N \times 100}{P}$ Criação do termo "Turismologia".
DOUGLAS G. PEARCE	Geógrafo Mestre em Artes Doutor em Geografia	Desenvolvimento e o impacto do turismo; Canais de distribuição do turismo; Planejamento do turismo; Elaboração de políticas; Estrutura espacial do turismo.	Criação do Índice de Viagens: $Ti = \frac{Dn}{Tn} \times 100$ Análise dos fluxos turísticos; Análise da qualidade das pesquisas científicas em turismo.
EDUARDO ABDO YÁZIGI	Historiador Especialista em Estudos Políticos e Sociais e; em Cinema e Técnicas Audiovisuais; Mestre em Planejamento Urbano; Doutor em Planejamento Urbano e Regional Pós Doutor	Planejamento, Território, Identidade e Turismo	Compreensão das relações da vida cotidiana e de vários aspectos subjetivos como a importância das distâncias e dos limites afetivos na formação da identidade pessoal e da imagem mental do lugar e contribui em estudos sobre as novas possibilidades profissionais para o Turismólogo

Defert e Pearce também são referenciados por outro estudioso do Turismo como Alexandre Panosso Netto em seu livro "Teoria do Turismo", o qual apresenta a análise dos índices turísticos elaborados pelos autores, para a melhor compreensão da organização e prática do Turismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da Geografia do Turismo e de Planejamento do fenômeno têm contribuído para o entendimento da importância que o mesmo representa e, o longo caminho que precisa ser percorrido para que o mesmo seja implantado de forma equilibrada no que se refere ao consumo espacial, respeitando as especificidades e fragilidades de cada localidade. O conhecimento científico tem sido gerado na forma de orientações e alertas

sobre a necessidade do uso consciente dos espaços, para garantir a permanência das comunidades em suas localidades.

Desse modo, cabe ao poder público, a elaboração de instrumentos legais como planos diretores, zonas de preservação e outros, a fiscalização constante nas localidades turísticas e, um ágil planejamento da atividade. Em alguns casos, o processo de transformação de espaços em espaços turísticos nem sempre acarretam a degradação ambiental, se bem planejado, pode possibilitar o aproveitamento das potencialidades desses lugares, transformando-os em competitivos. Conforme Santos (1998) a Geografia do Turismo deve preocupar-se em sua abordagem, com as relações presididas pela história corrente, a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais e, estas impactam os objetos.

Entendemos ainda que, a falta de um consenso sobre o fenômeno e a sistematização nos seus estudos, deixam aberturas para discussões entre os pesquisadores do Turismo, ampliando o campo de sua investigação, possibilitando avanços dos conhecimentos sobre o mesmo. Assim, a interdisciplinaridade no Turismo tem contribuído para uma análise mais consistente sobre os elementos que constituem o fenômeno, uma vez que há um corpo teórico consolidado, como observado na ciência geográfica. Entretanto, nota-se que a fragmentação do estudo pelas diversas disciplinas, tem interferido em seu avanço enquanto disciplina autônoma, tornando-o uma especialidade dentro do campo das ciências humanas.

7 REFERÊNCIAS

Albach, V. M; Gândara J. M. G. (2011). *Existe uma Geografia do Turismo?*. Revista Geográfica de América Central: Número Especial EGAL, Vol 2 (47), 1-16. Recuperado em 22 de abril de 2014 de, <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/1804>.

Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do Turismo*. (13a ed.) São Paulo: SENAC.

Curriculum Lattes de Eduardo Yázigi. Recuperado em 13, abril, 2014, de <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4799725Z3>.

Castrogiovanni, A. C. (2000). *“Existe uma Geografia do Turismo?”*. In GASTAL, S. (org). Turismo: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Ciribelli, M. C. (2003). *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Cruz, R. C. A. (2007). *Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca.

Cruz, R. C. A. (1999). *Políticas Públicas e (Re) ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

Defert, P. (2003). *Classificação dos recursos das paisagens de Pierre Defert. Recursos del paisaje y medios para su difusión*. Recuperado em 26, abril, 2014 de <http://www.unioviado.es/cecodet/formacion/GuiasPaisajesNaturales/docum/JavierBecerra-RecursosPaisaje.pdf>

_____. (2014). Recuperado em 15, abril, 2014 de <http://www.worldcat.or/pierre/defert>

Dencker, A. F. M. (1998). *Pesquisa em Turismo: Planejamento, Métodos e Técnicas*. São Paulo: Futura.

Figueiredo, S. J. L. (org.). (2008). *Turismo, lazer e planejamento urbano regional*. Belém: NAEA

Fratucci, A. C. (2000). *Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico*. GEOgraphia - Revista Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. (Vol. 2, n. 4). Recuperado em 31, maio, 2014, de <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/45>

Hall, C. M. (2001). *Planejamento Turístico: política, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto

Lohman, G.; Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. (2a ed.). São Paulo: Aleph.

Moesch, M. M. (2002). "Para além das disciplinas: o desafio do próximo século". In Gastal, S. (org.). São Paulo: Contexto.

Nechar, M. C. (2011). *Epistemología crítica del turismo ¿qué es eso?*. Turismo em Análise (V. 22, n. 3, art. 2, pp. 516-538).

Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.

Pearce, D.G. and Butler, R.W. (eds). (2002). *Desenvolvimento em turismo: Temas contemporâneos*. São Paulo: Contexto, 325pp.

_____. *Frameworks for Tourism Research* (Wallingford, CABI, 2012), pp200.

_____. (2003). *Geografia do Turismo: fluxo e regiões no mercado e viagens*. São Paulo: Aleph.

_____. (2013). *Comprometiéndose com el mundo: America latina e la internacionalización de la investigación em turismo*. Estudios y Perspectivas em Turismo (Vol.22. pp. 908-925).

Rodrigues, A. A. B. (1999). *Turismo e Espaço - Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec.

Santos, Milton. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec.

Tulik, Olga. (2001). *Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada*. São Paulo: Roca.

Victoria University of Wellington. (2014). Recuperado em 12, abril, 2014, de <http://www.victoria.ac.nz/som/about/staff/douglas-pearce>

Yázigi, E. (2014). Entrevista Instituto Virtual do Turismo (IVT). Recuperado em 27, maio, 2014, de <http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10908&cat=%20&ws=0>

_____. (2003). *Turismo: uma esperança condicional*. (3a ed.). São Paulo: Global.

_____. (2001). *Globalização ameaça "poesia" geográfica em Campos do Jordão*. Folha de São Paulo – Turismo. Recuperado em 27, maio, 2014 de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u816.shtml>